

# **Trabalho voluntário de torcedores do Fortaleza Esporte Clube: uma análise a partir de Mauss e Bourdieu**

**Ricardo César Gadelha de Oliveira Júnior<sup>1</sup>**

## **1. O FUTEBOL: UM CAMPO DE CONSAGRAÇÃO**

Esse artigo foi construído a partir do texto final da minha dissertação<sup>2</sup>, onde pesquisei um grupo de torcedores que realiza doações e diversos tipos de trabalho voluntário em prol do Fortaleza Esporte Clube, equipe que atualmente integra a 3ª divisão do campeonato brasileiro. Tendo em conta que esse não é um caso isolado na história do futebol brasileiro<sup>3</sup>, a pergunta inicial que motivou a realização da investigação foi: o que faz com alguns torcedores de futebol, dediquem parte de seu tempo, dinheiro, energia psíquica e trabalho em prol de seus clubes? A resposta a tal indagação pode parecer bastante óbvia: os torcedores assim agem para que seus clubes tenham resultados significativos nos campeonatos, conquistem títulos, sejam reconhecidos como grandes clubes e seus nomes fiquem marcados na história do futebol como vencedores, ganhando prestígio nesse espaço. Poder-se-ia, nesse sentido, pensar o futebol como um campo, no sentido apontado por Bourdieu (1983, p. 89):

Um campo [...] se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputa e aos interesses próprios de outros campos (não se poderia motivar um filósofo com questões próprias dos geógrafos) e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar nesse campo (cada categoria de interesses implica na indiferença em relação a outros interesses, a outros investimentos, destinados assim a serem percebidos como absurdos, insensatos, ou nobres, desinteressados). Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes o jogo, dos objetos de disputas etc.

Cada um desses campos tem um tipo específico de capital, que é distribuído aos participantes que aderem a esse jogo social específico, e agem de acordo com o que é considerado aí como válido, denominado por Bourdieu (1996a, p. 150) de capital simbólico: Portanto, nesse campo futebolístico, os clubes que são conhecidos e reconhecidos como

---

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, intitulada: “Doação e trabalho voluntário dos torcedores no futebol cearense: o caso do Movimento Independente da Torcida Tricolor”.

<sup>3</sup> Na dissertação, aponteí três tipos de doações feitas por torcedores e dirigentes ao longo da história do desenvolvimento do futebol no Brasil.

melhores, com maior tradição, com mais conquistas de títulos importantes e feitos esportivos, acabam adquirindo o capital simbólico específico desse campo.

O futebol também foi visto por Cedro (2011) como um espaço de disputas simbólicas, com disputas imanentes, importantes para aqueles que dele fazem parte, incluindo, aí, além dos próprios clubes e torcedores, os dirigentes das federações e dos clubes, os tribunais desportivos, as empresas patrocinadoras, jornalistas especializados em esporte, cadeias de televisão e rádio responsáveis pelas transmissões das partidas etc.

Desde então, o sentido e o funcionamento do futebol se relacionam com as posições ocupadas pelos agentes envolvidos que se utilizam de estratégias de disputa na intenção de conquistas e de consagração. Sob essa perspectiva, o futebol pode ser percebido como um local de competição entre seus atores cuja concorrência ajuda a reproduzir, transformar e manter a autonomia do campo (CEDRO, 2011, p. 17).

Como consequência, o torcedor se sente orgulhoso por fazer parte, de ser reconhecido como um elemento que pertence à comunidade do clube, de ter participação em suas vitórias. Torcer por um clube que conquista títulos, que é reconhecido nesse campo futebolístico, traz, por decorrência, valores positivos aos indivíduos que carregam tais marcas, se o clube está em um momento favorável em termos de resultados e conquistas. Portanto, o reconhecimento que os torcedores agregam é decorrência da glória atribuída ao clube ao qual estão ligados, e essa poderia ser a explicação mais óbvia, ou, talvez à primeira vista, a única que justificaria as ações de entrega em diversos sentidos desses torcedores por seus clubes. Entretanto, há outro tipo de prestígio envolvido nessa relação torcedor-clube; outro tipo de capital simbólico conhecido e reconhecido pelos que estão envolvidos nesse campo específico, sobretudo com relação aos dirigentes e torcedores de um mesmo clube.

Outros pesquisadores já apontaram que atitudes e sentimentos atribuídos aos clubes, por parte dos torcedores, são valorizados nesse campo: valores como fidelidade, desapego, lealdade, entrega, amor incondicional, negação da busca por retorno financeiro etc. Um dos aspectos que marcam a relação do torcedor com o clube é o incentivo, o incitamento à fidelidade e à entrega do indivíduo em prol do clube. Segundo Damo (2005), o pertencimento a um clube é uma das características capitais do futebol contemporâneo, e é esse sentimento que viabiliza a sustentação de um mercado profissional de jogadores. Essa relação de entrega do torcedor ao clube também foi motivo de reflexão de Teixeira (2003). Ao fazer um estudo etnográfico com torcidas organizadas compostas por jovens na cidade do Rio de Janeiro, a autora definiu, a partir da visão desses jovens, o que é ser um torcedor: ter

fidelidade, amá-lo, defendê-lo, alegrar-se nas vitórias e sofrer com as derrotas. Durante sua pesquisa etnográfica junto a torcidas organizadas do futebol argentino, Alabarces, Zucal e Moreira (2008) depararam-se com uma categoria nativa, o *aguante*, que é motivo de disputas por posse dentre tais agrupamentos. Etimologicamente, o verbo em espanhol “*aguantar*” significa suportar, apoiar. Já no campo futebolístico, o conceito tem diversas formas de significado, e que se aproximam dos termos apontados anteriormente.

E dentre esses atos valorizados pelo campo futebolístico, pelos que dele fazem parte, também estão as diversas formas de doações em prol dos clubes. A história do futebol brasileiro é repleta de exemplos de consagração aos indivíduos que praticam esses atos de doação aos seus clubes: doações de dinheiro, tempo, trabalho etc. Geralmente, essas homenagens, demonstrações objetivas do capital simbólico gerado por essas ações, são prestadas com a colocação do nome do laureado em alguma estrutura física pertencente ao clube: estádios, centros de treinamento, sedes sociais, seções ou departamentos, bustos, estátuas, placas alusivas etc.

Alguns exemplos atestam essas afirmações: o desportista de maior prestígio no futebol cearense foi Alcides Santos, fundador do Fortaleza Esporte Clube, cujo nome é atribuído ao seu estádio, como forma de retribuir seus esforços pelo clube. Outros exemplos desse tipo podem ser citados pelo país: o nome oficial do estádio do clube gaúcho Internacional, José Pinheiro Borda, foi dado em homenagem a um torcedor português do clube, que ficou responsável pela construção da praça esportiva durante alguns anos; no estádio do Santa Cruz, em que o político e torcedor do clube, José do Rego Maciel, principal articulador para a construção do estádio da equipe pernambucana, teve seu nome atribuído ao Arruda, como é popularmente conhecido; o mesmo se deu com Moyses Lucarelli<sup>4</sup>, um dos jovens torcedores da Ponte Preta envolvidos na mobilização da torcida campinense para a construção do estádio, na década de 1940.

Contudo, pode-se dizer que a busca por essas homenagens, frutos do prestígio gerado por ações tipicamente valorizadas nesse campo, é racional e intencionalmente calculada? Esse tipo característico de consagração é considerado como finalidade última e de

---

<sup>4</sup> Na grafia oficial do estádio houve a mudança de uma letra do nome do homenageado, ficando Moisés Lucarelli.

forma intencional? É o que passo a analisar a partir de um trabalho de campo realizado entre março de 2010 a janeiro de 2012, com um grupo de torcedores do Fortaleza Esporte Clube.

## **2. O MOVIMENTO INDEPENDENTE DA TORCIDA TRICOLOR**

O Movimento Independente da Torcida Tricolor (tratado por seus integrantes, torcedores, dirigentes e imprensa como MITT) é uma organização sem fins lucrativos surgida em 2006, a partir de discussões de um grupo de torcedores do Fortaleza Esporte Clube, interessados em atuar especificamente na melhoria ou construção do patrimônio físico do clube. Em que o trabalho voluntário de seus sócios é um dos pilares do grupo. Para se tornar um integrante do MITT, há duas condições primordiais: ser torcedor do Fortaleza e ser convidado e apresentado em uma das assembleias por algum indivíduo que já seja sócio, para que sua inclusão seja votada pelo grupo, devendo ser aceita pela maioria dos presentes.

O MITT iniciou suas atividades em meados do ano de 2006, administrando o estacionamento do estádio Castelão<sup>5</sup>, disponibilizando telões e venda de bebidas e comidas na sede do clube, quando das partidas fora de casa, e repassando o lucro da atividade à diretoria do clube. Em sua página eletrônica<sup>6</sup> há uma relação das obras feitas pelo grupo, tendo a grande maioria como alvo principal o estádio Alcides Santos, de propriedade da agremiação. Dentre as principais realizações estão: de um hotel anexo ao estádio para a concentração dos jogadores profissionais e amadores; reforma dos banheiros, dos bares, das instalações elétricas e dos vestiários; construção de novos bares, bilheterias, e acessos para os torcedores; pintura externa e interna da praça esportiva; melhorias no gramado e nos alambrados do campo de jogo; manutenção e aquisição de equipamentos da sala de musculação, do departamento médico e de fisioterapia. Além dessas obras propriamente físicas, alguns membros chegaram inclusive a trabalhar de forma gratuita nas bilheterias nos dias de jogos, para a venda de ingressos, e nas catracas, controlando o acesso dos torcedores aos jogos.

Para a realização dessas obras, o MITT tem trabalhado com dois tipos de arrecadação: de materiais de construção e de dinheiro. A forma mais comum de arrecadar material de construção é solicitar doações a empresários amigos dos integrantes, que também

---

<sup>5</sup> Estádio Governador Plácido Aderaldo Castelo, conhecido como Castelão, é o maior do estado do Ceará, onde se realizam os maiores jogos, as decisões de campeonatos estaduais e partidas do Campeonato Brasileiro.

<sup>6</sup> Disponível em :

[http://www.mittfortaleza.com.br/2011/index.php?option=com\\_content&view=article&id=68&Itemid=56](http://www.mittfortaleza.com.br/2011/index.php?option=com_content&view=article&id=68&Itemid=56).

Acesso em 21 mar. 2011.

são torcedores do Fortaleza. Após conseguir o material e o dinheiro necessários a uma obra, o próprio MITT a fiscaliza voluntariamente, visto que em seus quadros existem engenheiros civis que fazem esse trabalho. A mão de obra é paga pela associação, através do dinheiro arrecadado em outras ações. Para conseguir a verba necessária a desempenhar essas atividades, o MITT tem um variado rol de possibilidades: a forma mais utilizada pelo grupo tem sido a realização de festas na sede do clube, com a venda de bebidas, comidas ou produtos alusivos ao clube (chaveiros, bonés, camisas, calções), bingos e sorteios.

Outra forma de arrecadação do MITT é através da administração do programa de sócio-proprietário<sup>7</sup> do Fortaleza Esporte Clube. Dos valores pagos pelos torcedores, o MITT recebe a metade da quantia paga pelo torcedor para a aquisição da “joia” (ação do clube) e 25% do arrecado com as mensalidades, e que são aplicados obrigatoriamente em obras no patrimônio físico do clube, e o restante dessas quantias é destinado diretamente à diretoria executiva do clube. Se no início de suas atividades o movimento tinha apenas como objetivo ajudar, de alguma forma, o Fortaleza Esporte Clube, com o passar do tempo foi ganhando prestígio, já que a verba investida nas reformas e construções do clube quase integralmente vinha de suas ações. Então, como explicar esse prestígio atingido pelo grupo? Pode-se dizer que essa consagração é intencionalmente buscada por esses torcedores que integram essa associação? Os fatos aqui analisados são descritos a partir da observação das reuniões e dos eventos organizados pelo MITT.

### **3. A POSSIBILIDADE DE UM “INTERESSE DESINTERESSADO”**

É típico desse campo em particular, o campo futebolístico, assim como em vários outros, que, mesmo havendo uma forma de interesse, esse se apresente de forma desinteressada. Como isso é possível? Parafraseando o sociólogo francês Pierre Bourdieu, como é possível existir e explicar um “interesse desinteressado”? Um dos conceitos centrais para se ter o entendimento da forma como Pierre Bourdieu pensa as ações sociais dos indivíduos é o conceito de *habitus*, assim definido:

[...] sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente “regulamentadas” e “reguladas” sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção

---

<sup>7</sup> Categoria de sócio que tem como principal característica a possibilidade de votar e ser votado nas eleições para a diretoria executiva ou nas assembleias gerais do clube.

consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um “maestro” (BOURDIEU apud ORTIZ, 1983, p. 15).

Com tal conceito, o sociólogo francês tinha em mente fugir do esquema clássico de duas visões clássicas das Ciências Sociais: de um lado o holismo (incluindo-se aí também o estruturalismo), que ignora o papel preconizado pelo homem em seus próprios atos, sendo esse orientado apenas por tradições, costumes, ou por um ser supraindividual externo a ele. Por outro, sua teoria também faz críticas ao individualismo e ao utilitarismo, para os quais o agente social opera a partir de sua própria vontade individual, fruto de sua consciência racional, como se os objetivos da sua ação fossem conscientemente definidos. Portanto, os agentes fazem o que fazem, em um determinado campo social, de um modo diferente do que preconizam as duas correntes citadas anteriormente: nem de uma forma mecânica, sendo simples marionetes amarradas às grandes estruturas sociais, nem de uma forma completamente racional, pensada e orientada por fins estritamente calculados. O fazem a partir da confrontação de um *habitus* e situações típicas de um determinado campo.

As ideias de Bourdieu vão de encontro, também, a outra corrente do pensamento social, o economicismo, a ideia de reduzir as metas de uma ação somente às finalidades econômicas, e considerar que as leis de funcionamento do campo econômico são válidas para os diversos campos sociais. Para o autor, cada campo tem leis fundamentais particulares e autônomas e, assim, o que faz com que um torcedor aja no campo econômico, em suas atividades laborais, por exemplo, não é o mesmo que o impele a atuar no campo futebolístico.

O que há de particular em alguns campos sociais é que a *illusio* inerente a ele, ou seja, o interesse que lhe é próprio é o interesse pelo desinteresse. Assim, existem campos onde há um recalque da assunção do interesse e da busca explícita por lucros, sejam simbólicos ou financeiros, é desencorajada, de forma explícita ou por lições tácitas, formando, assim, *habitus* “desinteressados” ou antieconômicos. Entretanto, por trás das aparências desapegadas, há um tipo específico de interesse pelos alvos que estão em jogo nesse campo, ou seja, por uma forma de capital simbólico. Para que seja admissível a existência de tal fenômeno, é necessário que haja um encontro entre *habitus* e campos compostos pela mesma predisposição, o desinteresse (BOURDIEU, 1996a). No campo futebolístico, por exemplo, alguns indivíduos que dele participam e que agem da forma que se espera que um “torcedor de verdade” aja, ou seja, doando-se ao seu clube, demonstrando fidelidade, desapego e desinteresse a ganhos, sobretudo os econômicos, têm sido recompensados de diversas

maneiras: uso de seus nomes em estádios, sedes dos clubes, centros de treinamentos, placas ou bustos em áreas dos clubes etc. como atestam os casos citados anteriormente e em outros trabalhos meus (OLIVEIRA JR., 2010; 2011).

No caso do MITT, presenciei durante o trabalho de campo, sobretudo durante as reuniões semanais do grupo, vários episódios em que os integrantes precisaram demonstrar diversas formas de desinteresse. Essas reuniões acabaram se tornando em um “teatro das virtudes” (SETTON, 2004), ocasiões em que os que dele participam puderam tornar público seu desinteresse pelos possíveis lucros, econômicos ou simbólicos, gerados por meio do trabalho desenvolvido no movimento. O primeiro que evidenciei foi o desinteresse por algum tipo de ganho financeiro; o segundo diz respeito à denegação da busca por alguma forma de reconhecimento, de prestígio, de capital simbólico. Foi justamente esse desinteresse exposto pelos seus membros, sob diversas formas, que fez com que o grupo fosse ganhando respeito e prestígio junto aos torcedores e diretores do clube, que assim formam uma rede de conhecimento e reconhecimento, ou seja, um espaço formado por uma complexidade de agentes, em que é possível haver formas de consagração por um trabalho voluntário.

#### **4. DESINTERESSE FINANCEIRO**

Testemunhei algumas vezes os associados relatarem que ouviram, seja diretamente a eles, seja por meio de terceiros, suspeitas por parte de outros torcedores que alguns deles estariam se apropriando do que era arrecadado nessas mobilizações ou por outras formas de arrecadação de dinheiro que o MITT desenvolveu ao longo do tempo de seu trabalho. Em um desses casos, talvez o mais extremo que tive conhecimento, se deu após a eleição para o conselho deliberativo do Fortaleza, no mês de novembro de 2010. Após uma reunião com o então presidente do clube, ficou acertado que o MITT deveria organizar o evento, preparando a sala na sede do clube onde aconteceu o pleito; ficando responsável, além disso, de prover os participantes e votantes com bebidas e alimentação, contratar e transportar pessoal de apoio. Para ter o direito de participar dessas eleições, ou seja, para poder votar e ser votado, é necessário ser sócio-proprietário e estar em dia com as mensalidades (como explicitado anteriormente). É comum que antes do período eleitoral os sócios que estão com pagamentos em atraso paguem tais mensalidades, ou que haja a incorporação de novos sócios. Como o movimento, a essa época, já era o responsável pela administração do programa de sócio-proprietário, acabou arrecadando uma quantia significativa de dinheiro no dia da

eleição, como atesta a prestação de contas incluída na página eletrônica do Fortaleza<sup>8</sup>, já que até mesmo no momento do voto o sócio ou novo sócio-proprietário poderia fazer esses pagamentos.

Dois pontos dessa prestação de contas causaram muitas discussões entre os torcedores do clube, principalmente nos programas esportivos de rádio: estavam assim discriminados os percentuais que seriam destinados ao MITT para reinvestimento na estrutura do clube: “Comissão MITT mensalidade” e “Comissão MITT venda de títulos”. Sem entender direito o sentido dessas frases, os torcedores passaram a questionar o trabalho da associação, pois pela redação dada ao documento, deu-se a entender que aquelas comissões seriam apropriadas pelo MITT, e não devolvida ao clube. Isso ocasionou mal-estar entre os membros do movimento, pois as falas dos torcedores no rádio<sup>9</sup> questionavam sua honestidade e a finalidade gratuita do trabalho por eles desenvolvido. De imediato, alguns integrantes ligaram para os programas, e em alguns deles, no período noturno, acontecem concomitantemente, o que fez com que mais de um sócio estivesse ao vivo em programas diferentes, pedindo que pudessem explicar o que realmente aconteceu: na verdade, segundo suas palavras, aquilo tinha realmente sido um erro na redação, e que nenhuma parte do dinheiro arrecadado seria destinada aos integrantes, mas sim todo devolvido ao Fortaleza, por meio de reformas ou construções dos espaços físicos. Três dias após a divulgação da primeira prestação de contas, foi colocada no site do clube uma nova<sup>10</sup>, com as devidas alterações no texto para que a confusão fosse sanada, e ainda incluindo tal trecho no final da nota, para justificar os gastos feitos no dia da eleição:

Prezando pela total transparência e bom relacionamento com a torcida, o MITT sentiu a necessidade de esclarecer alguns pontos contidos na prestação de contas divulgada no Site Oficial na última terça-feira, dia 16, e lança um novo documento contendo o detalhamento da arrecadação e despesas da eleição do Conselho Deliberativo. Em tempo, todas as receitas do MITT são aplicadas integralmente no patrimônio do Fortaleza<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.fortalezaec.net/2009/Noticia.aspx?id=d7ftb76533364a258aa14454b809dd4c>. Acesso em: 16 nov. 2010.

<sup>9</sup> No estado do Ceará existem alguns programas esportivos radiofônicos que são direcionados a clubes específicos (Ceará e Fortaleza) em que os torcedores ligam para dar opiniões sobre assuntos debatidos pelos radialistas.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.fortalezaec.net/2009/Noticia.aspx?id=lt3c96046c8348e4b3a9e19cf29a4c23>. Acesso em: 19 nov. 2010.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.fortalezaec.net/Arquivos/Outros/mitt2.jpg>. Acesso em 19 nov. 2010.



As ações dos torcedores do MITT também podem ser comparadas às analisadas por Mauss (1974) em sua obra sobre a troca de presentes em diversas “sociedades que são não destituídas de mercados econômicos [...] mas cujo regime de troca é diferente do nosso” (p. 42). Nessa instituição, estão presentes dois elementos que também fazem parte desses grupos organizados de torcedores voluntários. O primeiro é o duplo caráter dessas prestações: aparentemente livres, gratuitas e desinteressadas, são, ao mesmo tempo, impostas, pela coletividade e pelo próprio indivíduo a si mesmo. Esse primeiro elemento acaba se conectando ao segundo: uma noção de prestígio, de honra, o *mana*. Ser generoso, segundo o estudo de Mauss nessas sociedades, faz uma pessoa, uma família ou um clã ascender em termos de prestígio. Poder-se-ia, assim, fazer uma analogia entre conceito de *mana*, de Marcel Mauss, e o capital simbólico, analisado por Pierre Bourdieu. Há, portanto, um interesse oculto, mesmo não sendo um interesse não econômico:

A obrigação da recusa dos interesses materiais, ou seja, de que ficasse claro para a torcida e a diretoria que o dinheiro ou materiais arrecadados pelo MITT não são apropriados pelos seus membros, e que são usados de forma devida, seja repassando à diretoria do clube ou usando esses recursos nas obras a que foram destinados, mantendo assim, segundo afirmam os próprios sócios, o “bom nome” ou o “nome limpo” do MITT era uma preocupação constante de seus membros, tendo em vista o tempo que “perdiam” publicizando as prestações de contas nos programas radiofônicos e nos espaços virtuais (seu site ou no do clube).

## **5. DESINTERESSE POR RECONHECIMENTO**

Caillé (2002) pensa a ação social a partir dos mesmos termos que Mauss (1974), como um composto de interesse e desinteresse, de liberdade e obrigação, sem que haja a sobreposição de algum desses termos. Esse misto de ato interessado e desinteressado pode ser percebido nas ações dos membros do MITT a partir de diversos fatos. Tal foi o caso, em dois momentos, quando da reforma feita pelo grupo no portão de uma das entradas do Estádio Alcides Santos. Durante as primeiras reuniões que observei, os membros discutiram sobre a necessidade de fazer tal reforma, tendo em vista o mau estado em que se encontrava aquela fachada, o que trazia uma má imagem ao clube. Decidiram que a reforma seria concretizada por meio da coleta de doações de material de construção e dinheiro de torcedores, empresários e conselheiros do clube, ficando o MITT responsável apenas por incentivar essas doações e

fiscalizar a obra, sendo proibido que algum membro do grupo fizesse qualquer tipo de doação, pois, segundo eles mesmos, isso seria uma forma de demonstrar que não havia qualquer tipo de interesse de qualquer um em “aparecer”, em ser reconhecido, em receber algo em troca.

Entretanto, há outro aspecto a ser abordado, percebido em suas falas durante as reuniões para organizar a reforma: mesmo que em seus discursos sempre esteja presente a demonstração do desinteresse pela notoriedade, que o mais importante ali seria “a instituição Fortaleza Esporte Clube”, ao mesmo tempo foram enfáticos em afirmar que uma ação daquele tipo, se bem divulgada na imprensa, para que chegasse aos outros torcedores, também os fazendo se engajar nessa ação, poderia trazer um reconhecimento para o movimento. Sacrificar-se assim, em nome de algo maior, é uma demonstração dessa mistura interdependente de interesse e desinteresse nas ações dos indivíduos, onde um sacrifício (de objetos, de dinheiro ou de si mesmo) pode também aparentar ser puramente utilitário, tendo essa submissão um fim último, ou seja, o clube de futebol; o militante de determinada causa vê suas ações, a subordinação de si mesmo, como meros meios para a obtenção de um alvo. Esse fenômeno é denominado por Caillé (2002) de sacrificalismo utilitarista.

Mas por que a preferência em só investir os frutos do trabalho no patrimônio físico, e não em outros pontos, como, por exemplo, na contratação de jogadores ou no pagamento de seus salários? Um elemento importante a se considerar na economia das trocas simbólicas apontado por Bourdieu (1996a, 1996b, 2009), para além dos já apontados por Mauss (1974), é o intervalo temporal entre o primeiro ato de doação, o ato fundador da relação, a dívida inicial, e a retribuição, a contradádiva. Esse intervalo auxilia na fantasia coletiva de que os dois atos são completamente desinteressados, de que não há qualquer intenção ou desejo de que quaisquer dos dois atos sejam retribuídos ou retribuição de um primeiro, que são completamente desvinculados.

Esperar, portanto, que os frutos do seu trabalho feito agora sejam aproveitados pelo clube no futuro, adiando também, alguma espécie de retribuição instantânea, acaba também sendo uma forma de desinteresse pelas retribuições típicas do campo. Também é uma forma mais concreta e visível de deixar seus nomes gravados na história do clube, já que é comum durante a história do futebol no Brasil que, como demonstrei nos capítulos anteriores, que os principais homenageados (leia-se detentores do capital simbólico particular do campo futebolístico) pelos clubes são torcedores ou dirigentes responsáveis pela construção de

empreendimentos como os que estão voltados os objetivos do MITT, ou seja, na infraestrutura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fatos cima descritos sintetizam o tipo de atitude que tem feito o MITT ganhar prestígio junto aos torcedores e dirigentes do clube: além de ser desinteressado, como expresso em suas falas, de não fazer o que fazem em busca de alguma forma de lucro, financeiro ou simbólico, é necessário que esse desinteresse seja demonstrado, explicitado em ações práticas. Nesse campo, as ações de desprendimento são, além de incentivadas, recompensadas de alguma forma. Ser generoso e doar-se ao clube são atitudes vistas como naturais e honrosas pelos que fazem parte desse campo.

Nesse espaço de disputas simbólicas, de consagração, compreendo, portanto, a fundação de um agrupamento de torcedores como o MITT, e o ingresso nele pelos indivíduos que dele fazem parte, como uma “estratégia” empregada pelos seus membros para adentrar na contenda por esse capital simbólico específico, tendo em vista a pouca participação deles ou de familiares passados em diretorias executivas ou altos postos dentro da hierarquia do clube. O uso do termo “estratégia” é outro ponto na tentativa de Bourdieu de fugir das teorias totalizantes do objetivismo, que prefere empregar o termo “regra”, sem cair no subjetivismo, ao percebê-las como surgidas de esquemas racionais:

A noção de estratégia é o instrumento de uma ruptura com o ponto de vista objetivista e com a ação sem agente que o estruturalismo supõe (recorrendo, por exemplo, à noção de inconsciente). Mas pode-se recusar a ver a estratégia como o produto de um programa inconsciente, sem fazer dela o produto de um cálculo consciente e racional. Ela é produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando das atividades sociais (BOURDIEU, 1983, p. 81).

Quando indagados se alguns deles ou parentes próximos já tinham participado de alguma forma dentro da diretoria do clube, exercendo algum cargo, nenhum dos integrantes tem em sua história algum envolvimento como esse, de exercer cargo de dirigente no Fortaleza. Além disso, apenas dois citaram o fato de algum familiar já ter chegado a esse nível ao longo dos anos. Tendo em vista os casos históricos citados anteriormente, de indivíduos que alcançaram prestígio pelas suas ações em prol dos clubes de futebol, pode-se perceber que grande parte desses torcedores ocupava altas posições dentro da hierarquia dos clubes: presidentes, diretores etc. Como atesta a história dos membros do MITT, nem eles nem seus

parentes mais próximos chegaram a ter oportunidades de ocupar esses espaços onde haveria maiores possibilidades de serem reconhecidos por seu amor pelo clube.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABARCES, Pablo; ZUCAL, José Garriga; MOREIRA, María Verônica. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Horizontes antropológicos**, vol. 14 nº 30. Porto Alegre, Jul/Dec. 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996a.

\_\_\_\_\_. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 2, nº 2, p. 7-20, 1996b.

\_\_\_\_\_. **O senso prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CEDRO, Marcelo. Bourdieu entra em “campo”: o futebol como espaço autônomo de interações, disputas, posições e consagrações. XV Congresso Brasileiro de Sociologia; **Anais**. 26 a 29 de julho de 2011; Curitiba; 2011.

DAMO, Arley S. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Rio Grande do Sul: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005, 435p.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

OLIVEIRA JR., Ricardo César Gadelha de. Doação e trabalho "voluntário" ao clube: uma interpretação a partir do futebol cearense. II Seminário Nacional Sociologia & Política; **Anais**. 15 a 17 de setembro de 2010; Curitiba, 2010.

\_\_\_\_\_. Uma análise sobre o trabalho voluntário de torcedores no futebol cearense. 2011. XXVIII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia; **Anais**. 6 a 11 de setembro de 2011; Recife; 2011.

ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. In: ORTIZ, Renato. (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Rotary Club. Habitus**, estilo de vida e sociabilidade. São Paulo: Annablume, 2004.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**. Visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2003.